

# Notícias de Guimarães

ANO 20.º N.º 1029

GUIMARÃES, 7 de Outubro de 1951

Redacção e Adm., R. da Rainha, 56-B Tel., 4313

Comp. e Imp., Tip. Ideal. Tel., 4381

VISADO PELA CENSURA

— AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

## Volto à minha...

Disse e repito:  
Não concordo que se sacrifique a Penha para favorecer, turisticamente, outros lugares. E' deste parecer um distinto jornalista lisbonense que, focando este assunto, assim se pronuncia:

«Não tem que haver zonas de turismo beneficiadas de modo especial para atrair turistas; zona de turismo há-de ser Portugal inteiro — jardim à beira-mar plantado, no dizer do Poeta —, todo ele por igual digno dos benefícios que é costume reservar às zonas eleitas do Turismo».

Este conceito crítico está certo. Absolutamente certo. Enfraquecerem-nos para dar vida, glóbulos de sangue novo aos outros, é terapêutica administrativa errada.

Também não sei se hoje, dividida Guimarães em três zonas de turismo — Penha, Vizela e Taipas —, se a taxa tributária é restrita a certas e determinadas freguesias. Foi assim no começo. De onde se chegava a esta incongruência: eu, com propriedades na freguesia citadina da Oliveira e mais na freguesia rural de Pinheiro, sofria a duplicidade do imposto, enquanto que os vizinhos de outras freguesias estavam isentos!

Estamos entrados numa época em que para se dar a medida de uma concórdia política, o maior número cala e consente. Jamais ofereci de mim, tanto nos actos da vida pública como da jornalística, subordinação incondicional. Tive sempre pouco feito para vassalo. A propósito lhes conto: Certa ocasião, acompanhando

do um membro da Comissão de Turismo junto da Direcção Geral, ali, em tom de amena conversa, como particular, me pronunciei contra a tal percentagem catada nas parcas receitas turísticas da Penha em benefício das zonas de turismo privilegiadas.

Continuo pensando do mesmo modo. Se querem — repito — alindar certos pontos e lugares do País, faça-o o cofre geral da pública administração, e não haverá que lhe levar a mal o expediente.

Se a Penha não merecer os olhares de predilecção que os outros conquistam, seja ao menos poupado ao desgaste o seu orçamento turístico.

Precisamos de votar atenções às necessidades capitais que vêm de longe: a primeira e mais urgente, é a do transporte dos visitantes, sem recurso de automóvel próprio.

Depois, outros planos se impõem, como seja o problema hoteleiro, à maneira como hoje se interpreta. Para estas iniciativas é evidente que os recursos ordinários da Comissão de Turismo não bastam. Importa fazer uma administração ampla, de largas perspectivas, em prol do futuro da Penha.

A «montanha sagrada» tudo merece.

Temos, que baste, entusiasmos locais para fazer a «boa política» da Penha. O que importa é canalizar esses entusiasmos, convertendo-os em esforços práticos, em acção inteligente e profícua.

Ora, pois, vamos a isso!

A. L. DE CARVALHO.

## V Á R I A CONCRETIZANDO

J. P. DA CONCEIÇÃO

Noticiaram os jornais do Porto, a 27, que no dia já passado de 24 de Setembro ali em sua casa, falecera aquele antigo e conceituado comerciante, obedecendo o atraso da comunicação a sua expressa vontade. Assim a morte levou discretamente quem discretamente honrara uma vida magnífica de trabalho operoso e de evangelização benemérita. Era, na mais pura e alta acepção da palavra, um perfeito homem de bem. De uma inteligência sã, cultivada, penetrante; assegando nos modos, rigorosamente preciso nas palavras, escrupuloso no método, reflectido mas pronto na actuação firme, em J. P. da Conceição avultavam, mesmo na modestia do seu labor as qualidades essenciais à actividade comercial e que muitíssimo raro se encontram reunidas na mesma pessoa. Era o modelo das antigas virtudes do homem trabalhador e sério, acrescentadas, pela visão clara do meio e do tempo, e pelo contacto com os principais centros estrangeiros, do necessário dinamismo, sem cair na aventura nem arriscar o crédito, bem firme e bem seguro. Homem raro, homem de singular valor. Conhecido de perto e longamente, sei dos primores do seu nobilíssimo coração, do precioso fulgor do seu apostolado da consciência e do bem, estimei-o muito, respeitava-o com devoção e com ternura.

### Data Nacional

Completaram-se, no dia 5 de Outubro corrente, 41 anos sobre a histórica data da implantação da República Portuguesa, sendo dever nosso prestar homenagem do maior respeito à memória daqueles que lutaram pelo nobre ideal de fraternidade.

Na pessoa do actual Presidente da República, General Craveiro Lopes, saudamos ainda quantos, no decorrer de mais de duas vintenas de anos, têm sabido manter o regime e contribuir para a prosperidade, que todos ambicionamos, da nossa querida Pátria.

## O Cardeal Tedeschini sauda o nosso País

O Cardeal Tedeschini, Legado Pontifício ao «Congresso da Mensagem de Fátima», dirigiu a seguinte saudação ao nosso País:

«Portugal! Tu, que há tantos anos me recebeste por ocasião das solenidades centenárias do teu imortal filho Vasco da Gama, e que na minha humilde pessoa tantas provas deste de filial devoção ao Papa, recebe a minha saudação, a minha bênção, o meu Salvé!

Querendo Deus, voltarei ao teu seio como legado a latere do Sumo Pontífice, partindo desta Roma, pátria de todos, com a alegria de quem, voltando a ver-te, verificará o teu progresso! Quanto é esplêndido, quanto é significativo e que grande exemplo o caminho, que desde então percorreste!

E quanto é profundo e universal o olhar de admiração que para ti dirigem todos os povos!

Mas quanto mais insigne é o privilégio, que presentemente chama sobre ti a admiração dos povos, por causa dum predilecção que te concede não a Terra, mas o Céu, não somente a tua antiga his-

tória, mas a que escreve no teu solo a Mãe de Deus!

Bendito sejas tu, Portugal: bendito na boca dos seres humanos, que te visitam, e nas palavras da tua divina visitadora, pelos prodígios de há trinta anos e pelo prodígio suspirado há tantos séculos: a Paz».

## Na volta...

O' moças que voltais chelas de pó,  
De carnes alagadas de suor;  
O vosso olhar cansado mete dó,  
Os vossos lábios secos causam dor...

Ficou-se o vinho verde, o pão-de-ló,  
A rica Procissão com seu Andor...  
Aquele bruhaha da imensa mó,  
Aquele tarde em brasa de calor...

Ficaram-se os abraços nos Manéis  
Com a mira dos banhos, dos papéis,  
Que breve vos traria o casamento...

O' moças que voltais agora à lida,  
Vamos: cavai a terra, a vida, a vida,  
Que a romaria volta, é um momento...

S. Vicente (Douro)  
Setembro de 1951.

DELFINO DE GUIMARÃES.

Homens assim, digam lá o que disserem, fazem sempre muita falta. Descansam serenamente como justos, no sono da morte — mas há na vida a sombra, apagada essa luz, e o vazio de um bom guia, e de um bom exemplo.

\*  
Quem ama e não se torna melhor é que não conhece o amor mas apenas o ódio.

Mercereau.

\*  
Pois, senhores, é bem verdadeira a sentença — «Muito se engana quem cuida». Cuidavamos nós, ignorantes! — (nem admira; se nascemos no estúpido século...), que o imortal Camilo — e bastaria citar as *Novelas do Minho* —, Ramalho Ortigão — nomeada no primeiro volume das *Farpas*, Eça de Queirós — em algumas passagens de *A Ilustre Casa de Ramires*, no *S. Cristóvão*, na *Cidade e as Serras*, Fialho de Almeida — na obra prima dos *Ceifeiros*, no *País das uvas*, Júlio Dinis — em toda a sua obra, Bento Moreno, Raúl Brandão, Aquilino Ribeiro, ainda agora Teixeira de Pascoais no *Empecido*, e muitos dos novos, como Torga, José Régio, Fernando Namora, João de Araújo Correia, Alves Redol, Ferreira de Castro... em *Gente de Vieira, Gaibéus, Esteiros*... haviam escrito páginas fiéis e admiravelmente belas, a par do que há de melhor em todas as literaturas, sobre os nossos campos, os nossos agricultores, o nosso viver aldeão. Que burrinhos!

— nós, é claro. Nada disso. Ao menos assim o decretou, radiofonicamente falando, a Emissora Nacional, do aliás simpático número (perdão — rubrica) «A Voz do Campo»:

«A maior parte dos escritores portugueses, que se ocupam da vida do campo (ou do povo) fá-lo, como já tem sido justamente notado, sob um ponto de vista parcial (este — parcial — merecia uma estatueta). Não temos entre eles quem se tenha dedicado a estudar e descrever o nosso aldeão na sua vida, na sua família, no seu trabalho, nos seus cuidados», etc. (O que vinha a propósito de um concurso a abrir para ser reparada essa falta gravíssima).

De modos que todos aqueles — zero; tanta obra magnífica — zero; tanta beleza emocional e artística — zero. Zero, zero, zero. Abaixo de zero. E pronto. Contra isto...

Nós bem sabemos onde se quer chegar: quem souber o abecedário da nova ortodoxia escreve de cor obra janota a premiar, sem para isso carcer de ter sentido, vivido e sofrido com o povo dos campos, no seu verdadeiro drama íntimo. Quer-nos parecer somente — que diabo — somos asnos acabados! — que tal se poderia dizer por outra forma. Mas está em moda, a velha moda pintada de fresco, de não dar vivas sem morras: vivas que não alentam nem acalentam, morras que não matam ninguém.

\*  
Amisantropia de Chaurfort, cujas máximas, escritas nos meados do século XVIII, apa-

Foi, ultimamente, vedada ao público, por meio de um muro num dos extremos e uma edificação no outro, a Travessa de Soalhães, que liga a Rua dos Terceiros à Rua da Ramada, tendo-se vendido o respectivo terreno a um particular pelo preço de 50 escudos cada metro quadrado.

Trata-se de um acto abusivo, ilegal, nulo de direito, que prejudica enormemente o público em geral, sobretudo quem da Rua do Padre Gaspar Roriz tenha de se dirigir para a Rua da Ramada, bem como os habitantes desta última rua e os que para a viela vendida tinham serventia, embora esta, em qualquer oportunidade lhes possa e deva ser restituída, visto que o seu direito não prescreve.

Este caso, apesar do tanto que nele há de leviandade e abuso, não é único sob o regime de administração muni-

cipal dos últimos anos; outras vielas ou travessas têm sido vedadas com prejuízo do público, com atropelo da lei, para satisfazer simples caprichos particulares; por exemplo, a do Sardoal, a da Trapola e a de S. Crispim; desenvolvemos o assunto pelo que respeita a estas vias públicas em qualquer outra ocasião; por hoje limitamo-nos à espoliação mais recente, a da Travessa de Soalhães.

E' de jurisprudência assente e incontroversa que no direito de administrar que compete às câmaras não está compreendido o de alienar, salvas apenas as excepções expressas na lei.

Ora esta, pelo que respeita a ruas, confirma, absolutamente, a regra; elas são do domínio público e imprescritíveis; podem ser alargadas, melhoradas, limpas, iluminadas, policiadas, quando tal se torne conveniente, mas nunca suprimidas ou escamoteadas; só um único caso conhecemos em que o seu terreno possa ser alienado; é o de que a rua seja substituída por outra de tal forma mais útil e cômoda que o público de todo abandone o uso da antiga; foi o que aconteceu, por exemplo, com o velho caminho para a Costa, substituído pela estrada; mas, ainda assim, neste único caso excepcional, a alienação só pode ser feita em hasta pública.

A Travessa de Soalhães não foi substituída por nenhuma outra via; o seu uso não foi abandonado pelo público por lhe ter sido facultado outro caminho preferível; pelo contrário, os habitantes que dela forçadamente se serviam ficaram entapados. O atropelo é flagrante e injustificável. Acontece que, ainda bem recentemente, a Câmara gastara no calcetamento e melhoramento da Travessa uma boa meia dúzia de contos, talvez mais do que a quantia paga pelo interessado que a comprou agora.

Como se explica que, decorrido tão pouco tempo depois desse acto louvável de boa administração, a Câmara resolvesse oferecer a rua a um particular a quem a mesma interessava para ampliar um armazém de couros? Não tentemos fazê-lo, porque o esmiuçar do caso na sua intimidade não interessa ao público; isso é com o soalheiro.

Vejamos, antes, como, oficialmente, se procurou legalizar a cedência da rua; e passemos, porque o caso é de pascar, a cedência foi feita a «título de alinhamento»! Tapase e suprime-se uma rua, desaparece uma via pública de que há centenas de anos os municípios se serviam, a título de alinhamento! Seria inconcebível, se isso não estivesse escrito com todas as letras na acta de uma reunião municipal!

Podem, efectivamente, as câmaras ceder terrenos, sem a formalidade de hasta pública, para alinhamentos, mas toda a gente sabe o que é o alinhamento de edificações na via pública; ninguém concebe que, se ao proprietário da casa do Arco, na Rua de Santa Maria, convier juntar os dois corpos de edifício, actualmente

## O Sr. Ministro do Exército VISITOU a Cidade de Guimarães

Prosseguindo nas suas visitas aos estabelecimentos militares do Norte do País, o sr. general Abranches Pinto, ministro do Exército, acompanhado dos srs. general Camm, coronel Cumings e tenente-coronel Torrey, membros da missão americana que se encontra em Portugal; general Manuel Couto Júnior, comandante da I Região Militar, e tenente-coronel Pinto de Oliveira, chefe do seu Estado-Maior, esteve em Guimarães, visitando aqui o local onde deverá ser instalada uma nova unidade mista, o Castelo, o Paço do Duque de Bragança, a igreja de S. Miguel do Castelo e a Penha.

Depois de almoçarem seguiram para Penafiel.

A notícia da próxima e provável instalação de uma unidade militar em Guimarães encheu de contentamento os vimaranenses e vai por certo merecer as atenções das Autoridades locais que não deixarão de acompanhar com o merecido carinho esta antiga e legítima aspiração da Cidade.

### Mudança de Hora

Conforme está estabelecido e já anunciamos no número passado, os relógios foram atrasados 60 minutos na madrugada de hoje.

Assim começou a vigorar a Hora de Inverno.

recem muitas vezes ainda hoje citadas, ditava-lhe por vezes curiosos mas amargantes conceitos. Das cortesãs dizia que eram «pobres enriquecidas pela mendicidade»; do amor: «a epilepsia de alguns minutos»; a história: «uma série de horrores»; o viver: «uma doença, que o sono alivia. E' um paliativo. O remédio é a morte».

## OS LIVROS E O AMOR

Pelo Dr. José de Figueiredo Vasconcelos.

A meu filho António Carlos.

XXIX

(Continuação do número 1022)

Acabo de reler a «Carta de Guia de Casados», escrita em 1650 por D. Francisco Manuel de Melo, e encontro sempre o mesmo sabor, o mesmo encanto que tive quando pela primeira vez a li atentamente. É um grande escritor este D. Francisco. Como fidalgo, soldado, diplomata, cortês, conseguiu larga experiência da vida e dos homens e aliou esse conhecimento a uma cultura sólida e firme. O seu tratado escrito a pedido dum amigo, que precisava de conselhos para bem casar-se, é uma exposição curiosa sobre a vida doméstica, dirigido sobretudo às mulheres que ele trata com certa severidade, é certo, não porque tenha qualquer prevenção contra elas, mas porque assim o entende, no seu papel de crítico e moralista, pretendendo apenas o bem delas e dos maridos e da sociedade a que pertencem. O fim que teve em vista foi a concórdia e a paz conjugal, focando o papel da esposa em relação ao marido, o governo da casa, a educação dos filhos, o trato com os criados, etc. e os meios mais eficazes para que o amor se mantenha e se manifeste em vida honesta e duradoura — e tudo para honra, vida e salvação dos casados. É obra

apenas unidos pelo passado, haja uma vereação que lhe satisfaça o desejo, a título de alinhamento, tapando a rua por um muro no Largo da Oliveira e por um tapume no Largo do Carmo; o caso é o mesmo da Travessa de Soalhães, na sua essência; tão ilegal e abusivo é a prepotência e o disparate tratando-se da Rua de Santa Maria como da Travessa de Soalhães.

Nós não crimamos individualmente os membros da vereação que tomaram, por unanimidade, a decisão de vender uma rua da cidade a um particular para alinhamento, tanto mais que consta da acta respectiva que houve o cuidado de pedir licença prévia à Venerável Ordem Terceira de S. Francisco para vedar a rua e sabemos, pelo uso e costume que neste concelho se está estabelecendo, como é tolerada e preponderante, em certos casos de grande interesse público, a ingerência estranha no âmbito das prerogativas municipais.

Os vereadores não têm obrigação de conhecer nada do que acima expomos; para o exercício do cargo a lei apenas exige que sejam eleitores e para a satisfação desta condição basta saber ler e escrever, o que não implica o uso dessa ciência. Podem ser muito ilustres no que respeita às suas funções individuais e particulares, mas, para bem exercerem as de um cargo público, necessitam de ser esclarecidos e guiados, em cada caso, pelos funcionários dos respectivos serviços.

Não julgamos nenhum dos membros da Câmara capaz de cometer, conscientemente, um acto ilegal e, muito menos, imoral. Prestamos a devida justiça à integridade de carácter de todos eles. Mas, como tem de haver responsáveis, há que os ir encontrar nas repartições administrativas por onde correm os assuntos a decidir.

Vai ser feito um inquérito à regularidade do funcionamento desses serviços; ora aqui fica apontado, satisfazendo desejos pública e solenemente manifestados, um caso concreto a investigar no inquérito solicitado pela Câmara.

M.

séria, sincera, sensata, obra prima no género pelo carácter de originalidade que ressumo das suas páginas, pela veracidade dos casos que aponta ou das anedotas que refere, pelas observações inéditas que faz no decorrer do texto, e isto com a maior independência, sem qualquer relação a teorias ou a normas, a tratados ou a doutrinas deste ou daquele sábio antigo ou moderno. É, pois, uma obra que além de nos fornecer bastantes elementos para a história social do século XVII com os seus costumes e ideias características, impõe-se pela clareza da elocução, pela espontaneidade com que a escreveu — de um jacto, de um fôlego, sem paragens, sem divisões de matéria, sem capítulos, e pela atitude de quem fala do muito que acumulou na sua vasta experiência do mundo e das coisas e se insurge contra a subserviência aos clássicos antigos. Despertou muita curiosidade a Carta de Guia de Casados, em virtude de ser o escritor um solteiro incorrigível, um galanteador de damas com o seu nome e fama espalhados por Portugal e Espanha, e de estar preso na Torre Velha, com idade de quarenta e dois anos «injustamente afligido entre os seus e na própria pátria naufragante». As edições sucederam-se depois, prova eloquente do valor desse livro. Camilo Castelo Branco escreveu no prefácio da edição de 1873 reimpressa em 1914 estas judiciosas palavras: «A Carta de Guia pertence à pequena colecção desses livros de filosofia, que nunca descaem de sua virilidade, e vão de par, pelos séculos dentro, com as renovadas gerações, refletindo perpétua mocidade».

Certos indivíduos que presumem de cultos e que ocupam na sociedade lugares de destaque fingem desconhecer estes problemas ou esquecem que a valorização do homem está na família e nos deveres inerentes à missão que nela tem de cumprir, como pai, marido, filho ou irmão. A grandeza das pátrias está na prosperidade e moralidade das famílias que as compõem — assevera-o a História. Não diremos como Brutus que a virtude é uma palavra vã!... A conquista do pão nosso de cada dia, a luta para assegurar a conservação da espécie, a necessidade de criar e manter o mundo de afectos que reside na família são elementos impreteríveis com que é preciso contar.

Os séculos XVI e XVII concederam lugar às obras de reflexão sobre esses assuntos (que até então não tinham sido versados entre nós) e publicaram-se apologias do casamento perfeito, fizeram-se espelhos de casados e retratos da mulher perfeita e do marido perfeito e dos bem casados. E não admira: a prosa ensaiava os seus voos seguros no domínio do pensamento e a dialéctica do amor impregnava-se de cristianismo e de cavalheirismo medieval com a subsequente dignificação da mulher e da vida do lar. Citam-se os nomes do Dr. João de Barros, do licenciado Ruy Gonçalves, de Diogo de Paiva de Andrade e dos espanhóis Luís Vives e Frei Luís de León. Este último foi professor da Universidade de Salamanca e dele se conta que depois de penar uns bons quatro anos e meio, nos cárceres da Inquisição, por suspeito de heresia, ao retomar as lições, cumprida

Conclui na 4.ª página.

## DAQUI NÃO SAIO...

AO ACABAR DAS FÉRIAS

Tudo se apresta para o regresso à vida normal do trabalho. Mais um ano de labor se vai iniciar, depois de umas férias bem merecidas.

Guimarães não fugiu à regra, dando o seu contingente ao campo, às praias, às termas e uma boa parte, em digressão pelo estrangeiro. Uns dias de distracção e repouso são bem precisos a quem labuta, durante um ano inteiro. Benditas sejam as férias. Mas, cuidado, o descanso prolongado entorpece e, por isso, toca a regressar à faina, do dia a dia, cada um, no seu campo de acção, porque a vida não se compadece com a folga demasiada.

Se, noutros tempos, que lá vão, podíamos viver uma vida mais calma e menos trabalhosa, hoje temos de reconhecer a necessidade de agir, por forma muito diferente, porque a vida actual é mais intensa e enervante. A medida que vamos criando novos hábitos, mais necessidades temos a suprir e mais trabalho a realizar.

Deógenes, curioso excêntrico da antiguidade, de tudo se absteve, excepto duma cuba que lhe servia de abrigo. Um simples copo que possuía para beber água, dele mesmo se desfez quando viu uma criança que fazia concha com a mão e bebia por ela. É evidente que nós não somos como Deógenes, porque, se dispomos de diversos utensílios, muitos mais desejamos adquirir de vários modos e feitios. E porque existe o sistema das compensações, quanto mais comodidades temos mais consumições havemos de suportar. Mas é esta a lei da Vida, da Civilização e do Progresso. Temos, portanto, de avançar, para a luta, sem desânimos, com mais coragem, se é possível, para vencermos a batalha.

Comecemos, pois, um novo ano de trabalho, cada um no seu posto, com a convicção firme de obter o máximo de rendimento útil. Desde o mais simples obreiro ao profissional mais competente e ao funcionário mais categorizado, todos no cumprimento sagrado do dever, com amor, com entusiasmo, com dignidade, com honra, pela causa do bem comum, pelo bem na nossa terra.

Os homens públicos de Guimarães já deram sinal do início da sua actividade, com a publicação do plano de melhoramentos a executar.

Príncipe Real  
D. Luís Filipe  
UM CINQUENTENÁRIO

Em sufrágio da alma de Sua Alteza Real o Príncipe D. Luís Filipe — que inaugurou no dia 8 de de Outubro de 1901, há precisamente 50 anos, entre delirantes ovações, quando da Sua estada em Ponte do Lima, a Avenida, obra grandiosa então concluída, que tem o Seu nome —, celebrar-se-á uma missa, às 10 e meia horas, na segunda-feira, 8 do corrente, na Igreja Matriz.

A colaborarem, com a sua assistência, no piedoso acto, convidam-se os organismos, as Associações e as Instituições locais, fazendo-se acompanhar dos seus estandartes, e todos os ponte-limenses que tributam fiel culto à memória querida do bom, gentil e infelizmente Príncipe.

Ponte do Lima, 2 de Outubro de 1951.

A Comissão Promotora,

Bem hajam!

Como vimaranense, congratulo-me com isso e faço votos para que não haja esmorecimento na sua obra e que os melhoramentos anunciados sejam, em muito breve tempo, uma realidade.

As Comissões, há tempos nomeadas, para cuidarem das justas reivindicações do nosso concelho, perante os Poderes Públicos, também vão, agora, certamente, depois duns dias de bem merecido repouso, trabalhar com mais afinho, muito interesse e boa vontade, no sentido de conseguirem aquilo que tanto precisamos e bem merecemos.

Que sejam bem sucedidas, são os meus melhores desejos. Bem sei que isto demanda muito trabalho e sacrifício, mas não é sem aturados esforços e sacrifícios que se conquistam os louros da vitória.

Avante, pois, e corações ao alto.

JOAQUIM DO VALE.

## Câmara Municipal

Em sua sessão de quarta-feira, a Câmara Municipal, por proposta do vereador sr. Manuel Alves de Oliveira, deliberou que, de futuro, se não iniciem quaisquer obras, na cidade, sem que esteja assegurada a sua rápida conclusão, não sendo permitida a abertura de valas numa extensão superior a cem metros e antes que esteja garantida a sua pronta cobertura à medida que se faça a abertura de novos lanços, devendo, imediatamente, após a sua conclusão de qualquer trabalho, proceder-se à remoção dos entulhos, pedras ou materiais sobrantes, os quais não deverão permanecer nos locais por mais de 24 horas, depois da conclusão desses trabalhos.

Também, por proposta do mesmo vereador, resolveu proceder a uma vistoria para se averiguar a origem dos escoantes que alteram as águas de abastecimento dos lavadouros do Campo da Feira, tomando-se as providências necessárias para se evitarem essas prejudiciais infiltrações que, por vezes, impossibilitam o uso dos referidos lavadouros, com manifesto prejuízo de quem deles precisa de se servir.

A Câmara resolveu, também, reservar o talhão n.º 1 do Largo dos Navarros de Andrade para nele ser construída a sede da Junta de Turismo da Penha e adiar, para 24 do corrente mês, a venda dos restantes talhões, tendo ainda tomado outras deliberações de maior interesse para a cidade e para o concelho.

VETERINÁRIO MUNICIPAL  
DA PÓVOA DE LANHOSO

Foi nomeado médico veterinário municipal para o Concelho da Póvoa de Lanhoso o nosso estimado conterrâneo sr. dr. João Afonso de Almeida Carneiro, que vai tomar posse daquele cargo e a quem por tal motivo felicitamos.

## TERRENO

Compra-se, para  
construir

Situado dentro do perímetro da Cidade ou num raio de 3 quilómetros.

Dirigir propostas a

Amadeu C. Penafort &amp; F.ºs

## FUTEBOL

(Campeonato Nacional da 1.ª Divisão)

VITÓRIA, 2 — BARREIRENSE, 0

As equipas alinharam:

Vitória — Silva; Vieira e Costa; Matias, Cerqueira e Rebelo; Nuno, Lourenço, Teixeira, Alcino e Franclim.

Barreirense — Francisco Silva; Reis e Carlos Silva; Mateus, Silvino e R. Vale; Ferreira, Teixeira, Décio, Soeiro e Custódio.

Primeira parte: 0-0.

Segunda parte: 2-0.

Tentos — Aos 28 minutos, 1-0, por Teixeira; aos 43 minutos, 2-0, por Teixeira.

No passado domingo realizou-se, na «Amorosa», o primeiro desafio oficial da época 1951-52, efectuado nesta cidade.

O Vitória tendo por antagonista o Barreirense, clube de vincadas tradições no futebol nacional e que há muito tempo não defrontava, saiu vencedor do prélio por 2-0, resultado alcançado durante o decorrer da segunda parte do encontro, mercê do seu mais firme querer e da sua maior capacidade física.

Ambos os tentos foram marcados pelo novo avançado-centro vitoriano, Teixeira, rapaz jovem, bem constituído, e que revelou um apego à luta e uma obstinação intensa, tendo pelo predicado final conseguido obter a bola que confirmou o triunfo.

A partida foi durante quase todo o tempo de fraco nível técnico. Salvou-se o primeiro quarto de hora inicial do Barreirense. E apesar de as equipas se entregarem à luta com ardor, do resultado ter estado bastante tempo em dúvida, o que ocasionou maior interesse pelo decorrer do jogo, a partida não satisfaz, pois ambos os grupos realizaram trabalho deficiente a que não foi estranho o começo de época.

O Barreirense cotou-se como equipe aguerrida, com deféza a bater bem a bola, médios a apoiarem bem os seus avançados, mas estes não tiveram durante todo o desafio ensejo de mostrar o quanto valerá o conjunto a jogar deliberadamente ao ataque.

Além de Custódio, que bem conhecemos, a equipe encontrou em F. Silva, Mateus e Teixeira os elementos que mais se destacaram.

O Vitória venceu bem. Foi sem a menor dúvida o grupo que mais procurou o golo, especialmente na 2.ª parte, em que sobressaiu a sua capacidade física para impor uma toada desgastadora, eficiente neste caso, perante um grupo onde a juventude não é a sua melhor arma.

A equipe está longe daquilo que todos desejamos; porém, com os elementos que possui pode e deve fazer uma carreira interessante, se for orientada, o que acreditamos, de maneira a possuir um padrão de jogo definido, que ocasione um maior rendimento global.

E, sendo assim, alguns dos seus elementos depressa poderão atingir o brilhantismo da última época — neste caso Rebelo e Cerqueira. A voluntariedade de Costa e Vieira, que com Silva formaram a época transacta uma boa deféza, impõe-se estimulá-la. Indispensável se torna que Matias e Rebelo se enquadrem numa toada de jogo rápido e prático, procurando servir em boas condições os companheiros da frente. Tem-se notado, com frequência, que estes médios endossam, sem hesitar, a bola a um companheiro, mesmo que este se encontre marcado. Há que corrigir tal defeito, lembrando aos referidos jogadores que é preciso muitas vezes chamar a si o adversário, facilitando assim ao companheiro a desmarcação e passando-lhe a bola quando o adversário se encontra «queimado» pela sua posição no terreno.

A linha dianteira precisa de modificações. Estamos certos, porém, que com o treino a que os jogadores são submetidos, o Sr. Alexandre Peics encontrará, após o respectivo e indispensável conhecimento de qualidades, aqueles que mais méritos reunam para dar à equipe um concurso que a leve ao maior rendimento.

De resto, o que se viu no passado domingo foi que todos procuraram cumprir, embora se tenha reconhecido que alguns elementos já não são capazes de exceder aquilo que nos patentearam.

O Sr. Avelino Ribeiro, do Porto, realizou um trabalho deficiente, mas tem a atenuante de ter tido muito má coadjuvação dos dois juizes de linha.

Herländer.

## Pelo Ensino

Liceu Nacional de Guimarães

Neste estabelecimento de ensino realizou-se no dia 1, com a costumada solenidade a abertura do novo ano lectivo.

O sr. dr. Américo A. Guerreiro, Vice-Reitor do Liceu, em exercício, assumiu a presidência da sessão, fazendo-se secretariar pelos srs. dr. José Maria de Castro Ferreira, Sub-Delegado Regional da M. P.; dr. Francisco Pereira Zagalo, Conservador do Registo Civil e representante da L. P.; Professor Mário de Sousa Menezes, representante do director da Escola Industrial e Comercial e pela Sub-Delegada da M. P. Feminina, etc.

Na sala e em lugares reservados vieram-se ainda os professores daquele estabelecimento de ensino, o director do Internato Municipal sr. P.º José Carlos Simões de Almeida e outras individualidades.

O sr. Vice-Reitor usando da palavra referiu-se, bordando várias considerações, ao significado daquele acto solene, tendo-se procedido, em seguida, à distribuição dos prémios aos seguintes alunos:

Prémio comemorativo do 50.º Aniversário do Ressurgimento das Festas Nicolinas, ao aluno do concelho de Guimarães mais classificado no exame final do curso geral (5.º ano), Maria de Fátima Madureira Jordão, 1.000\$00; Prémio dr. Jesus Pimenta, ao aluno que no conjunto das disciplinas teve melhor aproveitamento e comportamento, António Carlos Figueiredo Vasconcelos, 280\$00; Prémio professor José de Pina, ao aluno mais classificado em desenho, António da Costa Garcia Ventura, 132\$50; Prémio Gil Vicente, da Câmara Municipal, ao aluno primeiro classificado no curso geral (5.º ano), António Josias de Lacerda Ramada, 100\$00; Prémio Gil Vicente, da Câmara Municipal de Guimarães, para o aluno mais classificado no exame do 1.º ciclo (2.º ano), José Manuel Miranda Peixoto, 50\$00.

Foram ainda atribuídos mais 11 prémios em livros a alunos com a classificação não inferior a 14 valores.

Escola Industrial e Comercial

Neste estabelecimento de ensino e sob a presidência do respectivo director sr. escultor António de Azevedo, também se efectuou no dia 1 e com o costumado brilho a abertura solene do novo ano lectivo, assistindo todo o corpo docente e os alunos matriculados.

O amor à Terra e à Grel  
— eis o nosso lema.

# Têm a palavra os leitores

Recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte:

## Um pouco mais depressa, por favor!

Era este o título que abria em fundo o jornal "O Século", num dos dias da penúltima semana.

Tanto o título como a matéria a que o mesmo se referia, adapta-se perfeitamente ao nosso modo de viver nesta santa terrinha.

Referia-se que um senhor vereador da Câmara Municipal, a quem tudo o que diz respeito ao arranjo da cidade está a merecer os mais desvelados cuidados, comentou a morosidade com que certas obras, executadas nas vias públicas, decorrem, levando tempos infinitos a serem dadas por findas. E citou factos incontrovertíveis, para apoio das suas considerações, que o público conhece e aos quais não poupa as suas críticas.

O articulista acrescentava: «Damos todo o apoio à atitude do sr. Ortigão Ramos. Há obras em decurso que ameaçam eternizar-se. Mas não se fica por aí.

Arranja-se uma rua ou uma avenida, cujos pavimentos se mantêm esvaziados durante semanas e meses. Salvo raras excepções, é o normal.

As obras de pavimentação são dadas por concluídas, os operários retiram levando consigo toda a ferramenta e toda a maquinaria que se utilizaram durante dias e noites consecutivos. Respira-se! O trânsito é finalmente restabelecido. Tudo aquilo ficou como um brinquinho.

Liso como chapa de cristal. Homogénio como pedaço de marfim. Mais adiante, diz o articulista:

Mas ao que parece, não se fez de uma assentada tudo o que devia fazer-se. A obra não ficou completa. Não foi definitiva. E' que, a breve trecho, outros operários aparecem a desfazer o que estava lindo, a esburacar o que ficara hermético, a abrir covas, valas e rasgões, onde se colocam canos para água e para o gás e fio e cabos para a electricidade e para telefones.

Por que não se procedeu a reparação minuciosa das canalizações e de todas as redes eléctricas e telefónicas subterrâneas quando se tratou de substituir calçadas por substâncias betuminosas, os velhos e gastos asfaltos por outros novinhos em folha?

Foram ou não foram as Companhias interessadas avisadas a tempo de que chegara o momento mais oportuno para melhorarem as suas instalações, sem terem dentro de diminuto prazo de revolver de novo o chão, para que a água, o seu gás, a sua electricidade e a voz dos seus clientes pudessem chegar aos domicílios sem interrupções ou confusões desmedidas?

Se o não foram, praticou-se uma falta imperdoável. Se o foram e não fizeram caso, deviam sofrer sanções por tal modo exemplares que lhes tirassem a vontade de reincidir. E' o que se faz por toda a parte onde há respeito pelo público e pelos seus direitos. O caso de força maior, que é uma instituição invulnerável, sempre presente em todos os contratos para a prestação de serviços públicos, não joga por lá com desenvoltura igual à que se verifica neste abençoado País, onde há desculpa para tudo, até para o que não devia tê-la. Privar de água um bairro inteiro, não lhe fornecer a tempo e horas o fluido eléctrico ou comunicação sonora, paga-se caro. E os pruridos de reincidência curam-se com uma rapidez sem par.

Mais adiante: «O trânsito moderno, na sua quase esmagadora totalidade motorizada, não se compadece com lentidões que diminuem a velocidade. O tempo é para todos os que trabalham cada vez mais precioso. Só os que não se mexem, os que vivem na ociosidade, os que nada fazem podem vê-lo decorrer sem lhe pedirem todo o proveito que ele seja susceptível de lhes dar. Os outros são seus escravos.

Sabe-se que nem tudo corre à medida dos desejos de quem planeia, dirige ou fiscaliza obras de interesse público ou particular. E' fruto do tempo.

Mas as demoras verificadas em muitas das reparações, modificações, ou beneficiações sofridas pelas vias públicas da Capital são de tal modo flagrantes que se é levado a crer que entrem em jogo factores com um certo travão que muito conviria eliminar.

Não é nossa intenção apoucar os serviços que superintendem neste aspecto da vida cidadã. Hoje, há dificuldades para tudo, motivadas por causas e intervenções que nem as melhores vontades ou as mais indiscutíveis competências podem remover, por residirem fora das suas facultades.

Há, porém, sempre um meio termo que com um pouco de energia, de tenacidade e até de inteligente paciência pode e deve conseguir-se. Compreende-se que determinada via pública leve mais tempo do que o previsto a ser reparada, a ser posta em condições de fornecer ao trânsito todas as facilidades e até

comodidades que se exigem hoje. Mas já não se compreende com idêntica facilidade que essa tarefa se prolongue desmesadamente, se arraste em excesso, prejudicando quantos são forçados a sofrer-lhe as consequências.

Não seria possível acelerar o que às vezes parece emperrado ou, pelo menos, privado do seu normal andamento?»

Isto passa-se em Lisboa.

Evidentemente que nós não podemos tomar para termo de comparação a nossa grande Capital e o que lá se passa. Quem nos dera a nós Vimaraneses passar por aqueles períodos de arrelias em troça de tão notável progresso por que tem passado e está a passar a grande cidade de Lisboa.

Vem somente a propósito este artigo, porque ele encerra matéria própria e muito normal ao que se passa quotidianamente nesta terra, que parece ter jurado a seus filhos esquecer-se de si própria.

Há cerca de 15 dias a imprensa diária do Porto, em notícia do seu correspondente local, chamava a atenção da Câmara Municipal para o estado de abandono em que se encontra a Rua Abade de Tagilde, pois vai já para cerca de 2 meses que aquela artéria se encontra de vala aberta e sem luz, não havendo o mínimo respeito e humanidade com os seus moradores.

Abriu-se uma vala, apagou-se a luz e esperou-se cerca de um mês que assentassem a canalização, e, assente esta os operários demandaram, até hoje.

Que fazem os serviços técnicos da Câmara, perante isto?

Cruzam os braços como de costume, e deixa correr, porque não há quem lhes peça responsabilidades. Mas o que os munícipes não podem deixar, é de lavar o seu protesto e até de lamentar o desleixo a que esta terra tem estado votada.

Vai para três anos que a Federação das Caixas de Previdência iniciou a construção de um bairro grandioso a que Guimarães fica devendo esse enorme núcleo urbano. As obras concluíram-se há mais de um ano, e estamos na expectativa de esperar outro tanto tempo para a conclusão das obras de urbanização.

Estão agora na sua fase final, e morosas como sempre. Fez-se a rede de saneamento, passado muito tempo veio a canalização de águas, e depois lá virá a electricidade, e finalmente virá também a pavimentação.

Pergunta-se: Quando estarão estas obras concluídas? Quando estarão os blocos de habitação prontos a habitar?

Tem-se debatido na imprensa a defesa da conclusão do edifício dos Paços do Concelho iniciadas há cerca de 25 anos.

Durante este 1/4 de século ainda não se conseguiu chegar a uma conclusão, se deverão ou não seguir as obras.

Se não fôr a celebração das Festas Centenárias, que deram o impulso ao progresso de Guimarães, pouco ou nada de novo haveria. Vejamos o que se fez, de então para cá, na cidade. Além do abastecimento de águas e da construção da parte norte do Mercado (parte que parece ter esquecido que se destina a estabelecimentos...) nada mais de vulto se realizou.

Está elaborado um Ante-Plano de Urbanização — e já lá vão mais de três anos! — sem que tivesse sido ainda aprovado.

Projectos, sim, muitos, mas realizações, muito poucas. São muitas as obras que os Planos de Actividade contêm e que pecam pela repetição dos títulos de uns anos para os outros.

Guimarães com a sua privilegiada receita Camarária podia, e sem favor, estar a par das terras mais progressivas do País. Com a sua receita própria e o aproveitamento financeiro do Estado Novo, que recebe sempre com carinho e devotada vontade toda e qualquer iniciativa pública podia ter a maior parte dos seus problemas resolvidos.

E para exemplo olhemos o que se passa na vizinha cidade de Braga, que caminha a passos agigantados.

Tem os seus problemas de águas, saneamento, luz e transportes urbanos e sub-urbanos resolvidos. Em matéria de edifícios públicos, estão todas as repartições condignamente instaladas.

Possui um estádio, o melhor do País, abaixo do Estádio Nacional.

Urbanisticamente deu largo passo em frente, abrindo ruas e rasgando Avenidas, melhoramentos que a iniciativa particular reconhece e acompanha, concorrendo com a sua parte, construindo e alinhando as artérias.

Está em vias de conclusão um dos seus maiores sonhos, a Avenida de ligação ao Estádio e a estrada de saída para Guimarães. Obra grandiosa e de característica das grandes rodovias de acesso ao coração da cidade.

# da cidade

## Boletim Elegante

### Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 8, o nosso bom amigo sr. Adérito Fernandes de Oliveira Guimarães, industrial, residente em Braga, e a menina Emilia Madalena, filha do sr. António Fernandes e da sr.ª D. Custódia da Costa e neta do nosso amigo sr. José da Costa, de Covas; no dia 9, o sr. D. António Paço Vitorino e mademoiselle Maria Fernanda Lopes Pires, filha do nosso prezado amigo sr. Henrique Pires; no dia 10, a sr.ª D. Maria Augusta Monteiro Dias de Castro, esposa do nosso amigo sr. dr. Mário Dias Pinto de Castro, e os nossos prezados amigos srs. Arnaldo de Sousa Guise, dr. António Rodrigues da Rocha, Paulo Tiago Monteiro Dias de Castro e João Ribeiro Dias; no dia 11, a sr.ª D. Francisca de Oliveira Abreu, mãe do nosso amigo sr. Manuel de Freitas, e os nossos prezados amigos srs. Vital Marques Rodrigues, Manuel Fernandes, ausente no Brasil e Bernardino Faria Martins, ausente no Congo Belga; no dia 12, os nossos estimados amigos srs. Capitão Henrique Alberto de Sousa Guerra Júnior e António Vieira da Cruz Júnior; no dia 13, o sr. Manuel Joaquim Vieira da Cunha Machado (Teibão) e o nosso amiguinho Francisco Albano G. Dias de Castro, filho do nosso prezado director e de sua esposa; no dia 14, os nossos prezados amigos srs. Rogério da Silba Crespo Guimarães e Vasco Oliveira Bastos.

«Noticias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Faz anos no próximo dia 11, a sr.ª D. Maria da Madre-de-Deus Almeida Ribeiro, estremoza esposa do nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. José Torcato Ribeiro Júnior.

Dotada de um coração bondosíssimo, tem sabido ser o amparo de muitas pessoas que à sua generosidade recorrem.

Felicitando a bondosa senhora, fazemos votos pela continuação de sua saúde.

Fez anos no passado dia 5, a gentil menina Maria Virginia Almeida Ferrão, aluna do Liceu Martins Sarmiento e filha do sr. Renato Ferrão, funcionário da Agência do Banco de Portugal, nesta cidade, e de sua esposa sr.ª D. Virginia do Carmo Almeida Ferrão.

Muitos parabéns.

Partidas e chegadas

Com suas famílias regressaram a esta cidade os nossos prezados amigos srs. dr. Daniel Nunes de Sá e dr. Joaquim de Oliveira Torres. — Tem estado a uso de águas nas Termas de Monfortinho, o nosso prezado amigo sr. Aprigio da Cunha Guimarães.

— Regressaram a esta cidade, com suas famílias: da Póvoa de Varzim, os nossos prezados amigos srs. António José Pereira Rodrigues, Dr. Carlos Saraiva, Manuel C. Martins, Lúcio A. de Carvalho, Luís G. F. de Carvalho, Manuel José Ferreira Júnior, Sebastião Mendes, Armindo Maria Fernandes, Pedro de Sousa Carvalho, João Carlos Soares, Albino Fernandes, Manuel Cardoso do Vale, Luís Mendes Lopes Cardoso, David Cardoso da Silva Martins, Alberto Gomes Alves, Amadeu de Oliveira Machado, Eduardo de Oliveira Machado, Abílio Alfredo de Almeida Carneiro, Francisco da Fonseca Ferreira, Emanuel Mesquita Vieira de Andrade, Artur Martins da Silva, Fernando de Sousa Melo.

Conjuntamente com a conclusão dos trabalhos da Avenida, está já em franco andamento a grandiosa obra da estrada marginal do Cávado, lugar dos mais belos da região.

Acceleram-se igualmente os trabalhos de construção dos edifícios que a Federação das Caixas de Previdência, a exemplo do que fez nesta cidade, está a levantar ao longo da Avenida e com frente para uma nova rua.

Na apreciação dos factos, não podemos deixar de inquirir: E' nós? Estamos ainda a tempo de iniciar, a nossa campanha de progresso.

A cidade tem condições para tal, tem a Câmara Municipal boa receita.

Apenas com um pouco mais de energia, de tenacidade e vontade dos seus filhos não dispensando o auxílio do Estado, tudo se consegue para uma cidade melhor.

Um pouco mais depressa, por favor!...

Joaquim António da Cunha Machado, José Luís Pires, Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio e Jaime Ribeiro da Costa Sampaio e a sr.ª dr.ª D. Edwiges Machado; de Fão, o também nosso bom amigo sr. Fernando Figueiredo; de Ancora, o nosso prezado amigo sr. Renato Ferrão; de Cepães, Fafe, o também nosso bom amigo sr. Domingos Cosme Baptista Vieira; de Lisboa, o nosso bom amigo sr. Manuel Paulino Ferreira Leite; de Matosinhos, o nosso bom amigo sr. António Ferra.

— Da Póvoa de Varzim, regressou a Lisboa, o nosso querido amigo e ilustre economista sr. dr. Nuno Simões.

— Com sua família regressou de Quarteira a Faro, o nosso prezado amigo sr. António José Ferreira.

— Das suas propriedades das Pedras Alveiras, desta cidade, regressou ao Porto, ontem, devendo seguir na próxima terça-feira por via aérea e em viagem de estudo para a Suíça, o nosso querido amigo e distinto médico cirurgião sr. dr. António Paúl.

— Do estrangeiro regressaram a esta cidade, com suas famílias, os nossos prezados amigos srs. Comendador Alberto Pimenta Machado e dr. Manuel Jesus de Sousa.

— Com sua esposa retirou para a Póvoa de Lanhoso, o meretíssimo Juiz de Direito da mesma comarca sr. dr. Alberto Pita da Costa.

— Com sua esposa partiu para as suas propriedades de Baiona (Taipas), o ilustre clínico e nosso prezado amigo sr. dr. Alfredo Peixoto.

— Com sua esposa partiu para o seu solar de Felgueiras, o nosso querido amigo sr. dr. Maximiano Pinto de Simães.

— Regressou de Vizeu a esta cidade, com sua família, o nosso ilustre colaborador e amigo sr. dr. José Figueiredo de Vasconcelos.

— Tem estado nesta cidade o nosso ilustre conterrâneo e amigo sr. dr. António Baptista Leite de Faria.

— Acompanhada de seu marido esteve nesta cidade e teve a gentileza de nos apresentar cumprimentos a nossa ilustre colaboradora sr.ª D. Aurora Jardim.

Casamento

Consorciaram-se no penúltimo sábado, no templo de Nossa Senhora da Oliveira, a menina Filomena da Costa Baptista Pires Leite, filha do nosso amigo sr. João da Costa Oliveira Cosme e de sua esposa a sr.ª D. Ana da Costa Baptista Pires Leite, e o sr. João Cardoso Dias de Castro, filho do nosso amigo sr. Agostinho Dias Pinto de Castro e de sua esposa a sr.ª D. Maria da Conceição Cardoso Dias de Castro.

Testemunharam o acto por parte da noiva o sr. António José Trindade e esposa sr.ª D. Júlia Vieira Trindade, e por parte do noivo sua irmã e cunhada, a sr.ª D. Maria Emilia Cardoso Dias de Castro Freitas e o sr. José António de Freitas.

Desejamos-lhes muitas venturas.

Baptizado

Na Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, baptizou-se no domingo passado, o primogénito da sr.ª D. Dulce Andrade Carvalho da Silva Dantas e do sr. Francisco d'Assis Pereira Dantas, que recebeu o nome de Henrique Manuel. Foram padrinhos os avós maternos, o nosso bom amigo sr. Manuel Joaquim Pereira de Carvalho e sua esposa a sr.ª D. Maria da Conceição Andrade Silva Carvalho.

Falec. e Sufrágios

Luís Augusto Cardoso

Confortado com os Sacramentos da Igreja, faleceu na semana finda, inesperadamente, em casa de seu genro e filha, sr. dr. Luís Matos Ferreira e sr.ª D. Maria Elisa Moreira Cardoso Ferreira, à Rua de Costa Cabral, 1020, o sr. Luís Augusto Cardoso, mui digno chefe de Finanças, aposentado, que durante alguns anos chefiou, com muito apuro e competência a Repartição de Finanças de Guimarães, onde soube conquistar muitas simpatias.

O querido finado, dotado de um belo carácter e subida honradez, era casado com a sr.ª D. Laura Moreira Cardoso, pai também do sr. dr. Luís Augusto Cardoso, distinto médico, irmão das sr.ªs D. Conceição Cardoso Fernandes, D. Mirandolina de Brito Cardoso e D. Adelaide Cardoso Carvalho e do sr. Manuel Cardoso, estimado proprietário da Casa M. Cardoso, à Rua do Almada, e cunhado das sr.ªs D. Noémia Viana Cardoso e D. Lizarda Moreira Cardoso e do sr. José Fernandes de Carvalho.

O seu cadáver foi transportado para o cemitério de Caminha.

Os nossos pêsames à família dorida.

A trasladação dos despojos do escritor Alfredo Pimenta

A trasladação, de Lisboa para a capela da Madre-de-Deus, dos restos mortais deste ilustre vimaranense, deve efectuar-se ainda este

mês, possivelmente no dia 22, havendo um serviço fúnebre no templo de Nossa Senhora da Oliveira, mandado celebrar pela Câmara Municipal.

### Prior Augusto Borges de Sá

Uma comissão de paroquianos de S. Sebastião, moradores na Rua de Vila Verde, da mesma freguesia, mandaram celebrar na sua Igreja e no passado dia 4, uma missa por alma do pranteado Prior Padre Augusto José Borges de Sá, acto que teve uma assistência numerosa e selecta.

Sabemos que ainda não foi fixada a data para a Romagem que os vimaranenses vão promover ao seu túmulo, no cemitério de Cabeçudos, a qual será precedida da inauguração de um retrato, a óleo, na sacristia do templo paroquial de S. Sebastião.

O funeral da senhora D. Margarida Caldas Machado de Carvalho

No domingo e na paróquia de S. Martinho de Sande, realizou-se o serviço fúnebre por alma da sr.ª D. Margarida Caldas Machado de Carvalho, cujo falecimento noticiamos, tendo sido o cadáver removido no fim das cerimónias, em auto funerário e com numeroso acompanhamento de amigos que conduziam pessoas de família e outras de suas relações, para um dos cemitérios da cidade do Porto, para jazigo de família.

Renovamos à família dorida a expressão do nosso pesar.

Inocente Joaquim de Magalhães Ribeiro

Vitimado por uma meningite-tuberculosa faleceu com 5 anos incompletos este interessante menino, filho do sr. Carlos Alberto e da sr.ª D. Arnaldina de Magalhães, tendo-se efectuado o seu funeral da casa dos pais, à Rua Egas Moniz 6, para o Cemitério Municipal.

De luto

Pelo falecimento de um seu tio guarda luto o nosso amigo sr. Manuel Joaquim Pinto dos Santos. O nosso cartão de pêsames.

Vida Católica

Encerramento oficial do Ano Santo

Em comunhão com os peregrinos de Fátima na Penha — Dia 13, às 8 horas com cânticos e invocações de Fátima. Partida de caminhetas para a Penha, 7,30 horas.

Na Igreja da Colegiada — No dia 12, às 12 horas, Adoração de Vigília. Dia 13, às 12,15, Missa, invocações de Fátima e retransmissão da alocação do Santo Padre.

Todos com o pensamento em Fátima feito altar do mundo.

Rainha da Paz, Rogai por nós!

Festividade a S. Francisco de Assis

No dia 4 e no templo da V. O. T. de S. Francisco, houve solenidade em honra do Grande Patriarca de Assis, que constou de Missa Solene, de manhã, e de sermão e outros actos religiosos à tarde.

Presidiu o Padre Comissário, Rev. António Teixeira de Carvalho e assistiu a mesa da digna presidência do sr. dr. Leopoldo Martins de Freitas.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Pereira, Largo Prior do Crato.

Escutismo

Realizou-se no domingo nesta cidade, uma concentração de chefes de toda a região. No salão nobre dos Bombeiros Voluntários teve lugar uma sessão, que foi muito concorrida e na qual foram apreendidos vários trabalhos, tendo presidido o sr. dr. Manuel Faria, de Barcelos.

Os escutas reuniram-se num almoço de confraternização que decorreu no meio de franca camaradagem.

Contribuições

O chefe da secção de finanças sr. Joaquim Carraca informa:

1.º, que a contar do prazo de 15 dias, com início em 1 de Outubro, podem os contribuintes deste concelho, sujeitos ao Imposto Profissional — profissões liberais — tomar conhecimento da distribuição dos contingentes fixados às suas classes pela comissão e apresentar no mesmo prazo quaisquer reclamações para a mesma comissão sobre essa distribuição; 2.º, que a contar do mesmo prazo, podem os contribuintes deste concelho, sujeitos a contribuição industrial, grupo C, tomar conhecimento das importâncias do rendimento tributável fixado pela comissão respectiva e apresentar, no mesmo prazo, quaisquer reclamações para a mesma comissão sobre as importâncias fixadas,

# Teatro Jordão

NOITE, 8'S 15 E 21 HORAS

APRESENTA

Claudette Colbert, Patrick Knowles e Florence Desmond

em

FERAS

QUE FORAM HOMENS!

A história verídica da mais terrível aventura vivida por uma mulher!

TERÇA-FEIRA, 9 -- 8'S 21 HORAS

RITA HAYWORTH

em

AMORES DE CARMEN

Os amores tórridos da mais célebre cigana da lenda, filmados em maravilhoso technicolor.

QUINTA-FEIRA, 11 -- 8'S 21 HORAS

A JUSTIÇA DE BILLY

(Technicolor)

Um filme emotivo, romântico e grandioso!

SÁBADO, 13 -- 8'S 21 HORAS

Em Sessão Popular

VOLTARAM os Malvados

com Randolph Scott, Robert Ryan e Ann Jeffreys.

OUTUBRO: — O mês dos grandes êxitos.

Desastre mortal

Quando passava, em direcção a esta cidade, na freguesia de Mesão Frio, um automóvel conduzido pelo seu proprietário sr. Eng.º Eduardo Mendia Freire Serpa Pimentel, de Lamego, atropelou mortalmente a menor de 6 anos Fernanda Martins, filha de Alberto Martins e de Maria da Conceição, residentes no lugar do Assento da mesma freguesia.

Brinco Chuveiro

Perdeu-se ontem no Mercado. Gratifica-se quem o entregar. Informa a redacção.

Ensino Primário

A Síntese de gramática Portuguesa, editada pela Livraria «Simões Lopes», do Porto, e da autoria do Inspector primário, sr. Augusto Gomes de Oliveira, é um trabalho que acompanha a evolução da língua e que, por isso deve satisfazer os mais exigentes.

A sua elaboração obedeceu aos preceitos estabelecidos pelas **Academias Portuguesa e Brasileira** no Acordo de 8 de Dezembro de 1945.

E' de esperar, pois, que os ilustres Agentes do Ensino Primário dêem preferência à adopção dessa gramática, não só porque o seu autor foi sempre um devotado amigo do professorado de Guimarães, mas ainda por que o seu preço, brochura em cartolina e encadernada, é, respectivamente, de 7\$50 e 10\$00.

UM BOM ESTABELECIMENTO

TEM QUE APRESENTAR ARTIGOS SUGESTIVOS E DE COMPROVADA CONFIANÇA PARA O PÚBLICO



É SEM DÚVIDA A MARCA DAS MELHORES GABARDINES

EXCLUSIVO de

«A IMPERIAL»

Rua de Santo António, 82-84 — Telef. 40157

GUIMARÃES

# Sul de Angola Os Livros e o Amor

Alguns aspectos do Distrito de Huíla há mais de trinta anos

Ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Eduardo de Almeida,  
homenagem muito grata.

Orientada, assim, a assistência veterinária, a Estação Zootécnica começou as experiências do fabrico de manteiga e queijo, para orientar os lavradores que se quisessem dedicar a essa indústria.

Nada percebo de gado leiteiro, mas tenho a impressão de que as vacas do gentio eram pouco produtivas nesse sentido.

Mas a difusão de reprodutores especiais em breve aumentou consideravelmente a produção do leite, e começou, então, a aplicar-se no fabrico de manteiga e queijo.

No meu tempo, um ou outro colono produzia manteiga para seu consumo e só a Estação Zootécnica a fornecia ao público, mas em quantidade que não chegava para os pedidos, de modo que a maior parte da manteiga que se gastava era proveniente da importação, especialmente da Ilha da Madeira.

Queijo também só algum curioso é que o preparava e punha à venda; o resto era de importação e enlatado, o que lhe fazia perder muitas das qualidades.

Na Estação Zootécnica tentava-se o fabrico de queijo, tipo flamengo e de outras qualidades, mas ainda só eram tentativas na data em que de lá saí.

Algumas empresas iniciaram, então, o fabrico de manteiga, não havendo, que me constasse, qualquer fabrico de queijo com carácter industrial, limitando-se, apenas, àquele primeiro produto, e em pequena escala.

Outra modalidade era o preparo de carne de porco, quase toda importada da Metrópole, havendo apenas um ou outro colono que a preparava para seu consumo.

Creio que só em 1927 é que

## Declaração

João Ribeiro, com fábrica mecânica de tecidos na Rua da Arcela, desta cidade, tendo sido indemnizado pelas Companhias de Seguros «DOURO» e «LA NATIONALE» dos prejuízos que sofreu do incêndio que teve no mês passado na sua fábrica, a que deu causa um curto-circuito do seu automóvel, apraz-lhe testemunhar publicamente a sua satisfação pela forma criteriosa como foi arrumado este sinistro pelas ditas Companhias, das quais é agente nesta cidade o Sr. Alberto Gomes Alves.

Guimarães, 2 de Outubro de 1951.

João Ribeiro.

## PRÉDIO

Vende-se o prédio na Rua de Camões n.º 106-108-110 quatro pisos, duas cozinhas, quartos de banho, aquecimento por chafuagem, celeiros, quintal, estufas e terraço.

Este prédio está em bom estado de conservação, muito bem construído com pedraria por todas as faces, boas varandas, toda a casa é construída com madeiras de castanho excepto os soalhos que são de pinho manso, encerrados e com oleados.

Facilita-se o pagamento a combinar.

Quem pretender queira dirigir-se a Manuel Mendes Oliveira, na Fábrica de Curtumes à Rua de Vila Flor.

começou esta indústria por iniciativa de uma Empresa do Lubango e de uma outra situada na região do Huambo.

Limitou-se no princípio ao preparo de enchidos, tipo nacional, e depois, com a assistência de um técnico contratado, ao de outros preparados nacionais e estrangeiros.

Toda esta indústria, quer da manteiga e queijo, quer de carnes preparadas, tomou em pouco tempo um largo desenvolvimento, tendo progredido extraordinariamente desde que de lá saí.

Continua.

A. DE QUADROS FLORES.

## EXPOSIÇÃO DE ARTE SAGRA MISSIONÁRIA

Estas horas próximas de Outubro, que o paternal carinho de S. S. Pio XII quis fossem um tempo aito de meditação e de fé nos destinos católicos de Portugal imperecível, vão ser vividas, no Santuário de Fátima, ao calor triunfal de uma mensagem de esperança. Por todas as estradas do mundo, peregrinos virão trazer o testemunho de uma crença que transcendeu os escassos limites de um País, porque se tornou património espiritual da Humanidade inteira.

Na História moderna, Fátima é um símbolo: o símbolo de uma Nação, desde sempre servidora da Cruz, que, por caminhos invios e ao sabor de figurinos estrangeiros, se afastou da linha mestra das tradições seculares; mas que a ela retorna pela força de um imperativo idealista, reatando, assim, a continuidade das raízes.

As cerimónias de Outubro são, deste modo, como que uma consagração do tradicionalismo religioso português; uma oferenda votiva à religiosidade de acção, de apostolado, de sentido evangélico da vida.

A Exposição de Arte Sacra Missionária que, na segunda semana de Outubro, estará patente ao público lisboeta, nos claustros do mosteiro dos Jerónimos, é ainda uma faceta dessa consagração. Constituem-na obras de arte de factura indígena influenciada pela evangelização: toscos crucifixos africanos, estatuetas de marfim, pinturas chinesas, coreanas ou hindús. Obras de arte, ingénuas umas, outras possuindo já um sedimento cultural que as impõe como produtos de civilizações milenárias; e que, conservando embora a sua feição tradicional, são eloquentes testemunho da profundidade e eficiência da acção desenvolvida, no decorrer dos séculos, pelos mensageiros de Cristo.

Como país que se credita uma actividade cristianizadora notável, Portugal ocupa, por direito próprio, um lugar destacado nesta Exposição, lado a lado com a vizinha Espanha — vizinha na localização geográfica e nos supremos intuitos da expansão quinhentista. Se o seu contributo se não reveste sempre de alto valor artístico, tal se deve à preocupação que presidiu à recolha dos objectos que o constituem: houve em vista conseguir, de preferência a uma qualidade quase sempre produto de uma subordinação de técnica e de cultura, uma sinceridade integral, só possível quando os meios de expressão mantêm a correspondência perfeita com a sensibilidade do artista. E é essa sinceridade que está patente, apesar do primitivismo de concepção e de realização, na maioria das peças expostas na parte portuguesa da Exposição de Arte Sacra Missionária.

A Agência Geral do Ultramar se fica devendo a recolha dos objectos e a organização deste importante certame, que, é, sem dúvida, uma magnífica afirmação de universalidade e permanência da Igreja nas sete partidas do Mundo.

## SÉCULO XX

Uma das mais belas criações da indústria de calçado. Modelos de calçado para senhora que são um verdadeiro foco de luz e de progresso.

## SÉCULO XX

é um rigoroso exclusivo da

Sapataria LUSO 115

## Os Livros e o Amor

(Continuação da 2.ª página)

a pena, começou imperturbável: «Como iamoz dizendo». Foi um grande místico e um mestre da prosa castelhana. O seu livro *La Perfecta Casada* publicado em 1583 e dedicado a D. Maria Varela Osório baseia-se no capítulo XXXI dos Provérbios de Salomão: é um comentário desses versículos, constituindo uma súplica de regras para a esposa que pretende sê-lo e aperfeiçoar-se nesse estado. «As mulheres casam para serem casadas» — diz D. Francisco Manuel, e é esse escopo que norteia esses tratados que, contudo, não têm a graça, o sal, a leveza, a ironia e o carácter social e mundano da *Carta*. É pouco psicólogo esse monge agostinho, mas não se espere muita psicologia nessa época mais atreita a concepções abstractas, a categorias lógicas do que a verdades concretas, a factos irrefragáveis. Entretanto, não esconde os exageros da moda sobretudo a pintura da cara e dos cabelos e sobre isto escreve... umas trinta páginas a condenar tal vício.

A obra do português Diogo de Paiva de Andrade — *Casamento Perfeito* afina pelo mesmo diapasão, é do mesmo teor. É obra recheada de erudição procurada nas fontes gregas e romanas, e embora apresente esse carácter abstracto, o seu propósito consistiu em morigerar os costumes, dignificar o casamento, segundo os princípios da Igreja Católica, os quais de 1545 a 1563 pelo Concílio de Trento foram com nitidez fixados e esclarecidos.

Falta fazer menção à obra do português Dr. João de Barros — *Espelho de Casamento*, publicado em 1540, noventa anos antes. Analisa as razões contra e a favor do casamento, concluindo que ele é bom e necessário, apontando depois as condições essenciais para que ele resulte benéfico, fecundo e estável a bem de Deus e dos cônjuges.

Como se vê, essa época foi fértil em tratados sobre esse tema (e eu não falei senão nos principais). Dir-se-ia uma meditação séria, uma reflexão demorada sobre tal problema, depois da floração da poesia trovadoresca e das congeminções do platonismo da Renascença.

E já que estamos a fazer referências a obras clássicas, convém aludir a duas obras antigas: uma de Xenofonte, discípulo de Sócrates, — a *Económica* e outra de Plutarco (46-120) — *Preceitos do casamento*.

A primeira é um delicioso tratado de educação feminina. Mostra-nos o autor a jovem ateniense, ingénua, tímida, modesta, envolta num halo de inocência e candura, não se atrevendo a fazer perguntas, preocupada a fiar a lã, — e depois a iniciação na vida doméstica pelo marido que lhe desvenda o mistério das coisas, lhe inculca os deveres familiares. Eis um quadro dos mais lindos e graciosos que nos oferece a Antiguidade e repassado da mais sã e encantadora poesia: os primeiros turbos da donzela, as primeiras hesitações, os primeiros sorrisos, as primeiras turbasções perante as dúvidas que assaltam o seu espírito inquieto ou os primeiros desvanecimentos de quem se capacita que passou uma fase da sua vida e já caminha afoita pelas veredas e atalhos e avenidas do seu novo reino. Ouçamos estas palavras que ela dirige ao seu jovem marido, as quais se assemelham a um arrulhar de pombas, manso e melodioso. «Eu, pobre, que sou diante de ti que sabes

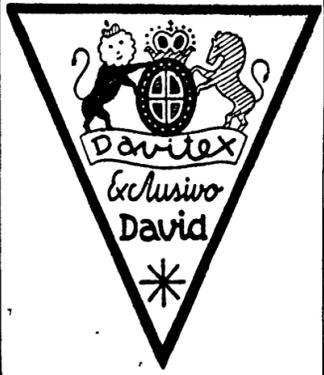
todas as coisas? Nada aprendi a não ser que devo viver castamente consoante as recomendações de minha mãe». Esta cena tem de integrar-se no quadro da vida e do estado social da mulher grega confinada no gineceu e sequestrada do convívio geral.

A outra obra — *Preceitos do Casamento* revela o alto conceito que Plutarco tinha da mulher, associando-a à vida do marido e enaltecendo-lhe as qualidades de mãe e de educadora dos filhos. Como bom observador e psicólogo arguto, Plutarco salienta os encantos que irradiam da sua personalidade, a sua tez fina, o seu olhar bondoso e meigo, a suavidade da voz. «A ternura da alma, diz ele, é realçada, nas mulheres, pela atracção do rosto, pela graça acariciadora, pela sensibilidade mais viva».

Cada uma destas obras é índice da civilização de uma época; revela a mentalidade dos pensadores e filósofos de um povo.

Continua sob o mesmo tema.

Um artigo tem que possuir qualidades para merecer uma justa propagação!



MARCA DOS MACHOS IMPERIOBOLIS

Exclusivo de 401

«A IMPERIAL»  
R. de Santo António, 32-34 - Tel., 40157  
GUIMARÃES

## Oferas e Procuras

COMPRAM-SE 6 máquinas Jacquard des de 400-600-800 agulhas em segunda mão e em bom estado.  
— Alvará de teares manuais ou mecânicos de algodão para qualquer quantidade. 393

## PESSOA EDUCADA

Oferese-se, para serviços domésticos, (externa). Informações nesta redacção. 404

QUARTO Aluga-se em prédio novo, na Rua Cap. Alfredo Guimarães. Serve para casal. Nesta redacção se informa. 405

## Fogão particular

Vende-se em muito bom estado, com depósito de cobre, próprio para pensão ou taberna.  
Informa esta redacção. 409

## Cão coelheiro

Desapareceu no dia 1 do corrente no monte da Penha, cor malhada e que dá pelo nome de «Brilhante». Gratifica-se quem descobrir o seu paradeiro, procedendo-se a todo o tempo contra quem o retiver.

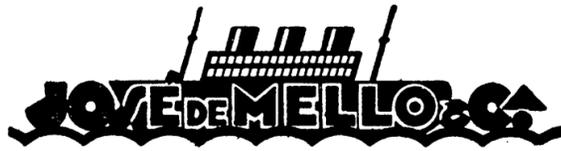
Indicar para Alfredo Leite — Largo do Toural, 67 — Guimarães. 408

Confie os seus trabalhos à Tipografia IDEAL, na certeza de uma distinta apresentação gráfica. Tel. 4381.

RUA DA RAÍNSA  
GUIMARÃES

## Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação.  
Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1882

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO

com Armazém de Retem e Depósitos

(Área coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS:

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57



O CALÇADO IDEAL PARA CRIANÇAS

ANDA MUITO  
BRINCA MUITO  
DURA MUITO...

196

UM EXCLUSIVO DA "SAPATARIA LUSO"

## REPRESENTAÇÕES

Agente Comercial, com carro, largamente relacionado com todos os Armazéns da Província e o comércio de tecidos, etc., e dando todas as referências comerciais, aceita representações de tecidos ou quaisquer artigos relacionados com as referidas casas. Resposta para o Porto para o telefone n.º 25409 ou ao Largo dos Lóios, 24-2.º.

390

Notícias de Guimarães n.º 1029 -- 7-10-1951



COMARCA DE GUIMARÃES  
Secretaria Judicial

## ANÚNCIO

Éditos de trinta dias

(2.ª publicação)

Pelo juízo de direito desta comarca de Guimarães e primeira secção desta secretaria judicial nos autos de inventário orfanológico a que se anda procedendo por óbito de João Correia de Oliveira, viúvo, morador que foi na rua das Lameiras, freguesia de Creixomil, desta comarca, correm éditos de trinta dias, a contar da segunda publicação deste anúncio, notificando os interessados João Pereira, filho de António Pereira e João Faria, filho de Luís de Faria e cuja residência se desconhece, para no prazo de oito dias, findo o dos éditos, impugnarem, querendo o pedido de habilitação feito por Vitorino Pereira, casado, industrial, da freguesia de Pedome, comarca de Vila Nova de Famalicão e José Pereira Machado, casado, operário fabril, da freguesia de Azurara, comarca de Vila do Conde, em que pedem sejam julgados cessionários e representantes dos interessados Dona Rita Rosa Rodrigues Machado e marido Domingos Alves Machado, por estes lhes haverem cedido, em comum, e em partes iguais, por escritura de vinte e sete de Novembro de mil novecentos e

cincoenta, e pelo preço de cinquenta e cinco mil escudos, o direito e acção a herança deixada pelo dito João Correia de Oliveira, ainda indivisa, ou dizerem o que se lhes oferecer sobre o referido pedido de habilitação, ou exercerem o direito de preferência, nos termos do artigo mil trezentos e setenta e seis do código do Processo Civil.  
Guimarães, 30 de Julho de 1951.

Verifique!

O Juiz de Direito,

Lobo e Silva 397

O escriptorário judicial,

José Alberto Martins.

## Só para si!

É a si que me dirijo, para lhe dizer que a

## Loção "MIN-HÓR"

faz regressar, lentamente, os cabelos à cor que tinha dantes.

Não é uma tintura; é um inofensivo regresso ao passado, baseado numa reacção científica.

Este aromal Loção Min-Hór

VENDE-SE EM TODAS  
AS FARMÁCIAS. 405

## LIVRO DE COSTURA

Com preceitos de Costura, por EMA ALVES. Brinde durante a venda da 1.ª edição. Facilita um Curso de Professora com respectivo diploma, sem sair de sua casa. Único no género: Mesmo por correspondência explico qualquer lição que não seja compreendida. Preço 150\$00. Peça mais informações enviando um selo de 1\$00 para resposta. Até ao fim de Outubro pedidos a EMA ALVES — Rua Lauric n.º 57 — ALENQUER. 410